

LUCAS RODRIGUES OLIVEIRA
ORGANIZADOR

EDUCAÇÃO

Dilemas contemporâneos
Volume IX



Pantanal Editora

2021

Lucas Rodrigues Oliveira
Organizador

Educação
Dilemas contemporâneos
Volume IX



Pantanal Editora

2021

Copyright© Pantanal Editora

Editor Chefe: Prof. Dr. Alan Mario Zuffo

Editores Executivos: Prof. Dr. Jorge González Aguilera e Prof. Dr. Bruno Rodrigues de Oliveira

Diagramação: A editora. **Diagramação e Arte:** A editora. **Imagens de capa e contracapa:** Canva.com. **Revisão:** O(s) autor(es), organizador(es) e a editora.

Conselho Editorial

Grau acadêmico e Nome	Instituição
Prof. Dr. Adaylson Wagner Sousa de Vasconcelos	OAB/PB
Profa. Msc. Adriana Flávia Neu	Mun. Faxinal Soturno e Tupanciretã
Profa. Dra. Albys Ferrer Dubois	UO (Cuba)
Prof. Dr. Antonio Gasparetto Júnior	IF SUDESTE MG
Profa. Msc. Aris Verdecia Peña	Facultad de Medicina (Cuba)
Profa. Arisleidis Chapman Verdecia	ISCM (Cuba)
Prof. Dr. Arinaldo Pereira da Silva	UFESSPA
Prof. Dr. Bruno Gomes de Araújo	UEA
Prof. Dr. Caio Cesar Enside de Abreu	UNEMAT
Prof. Dr. Carlos Nick	UFV
Prof. Dr. Claudio Silveira Maia	AJES
Prof. Dr. Cleberton Correia Santos	UFGD
Prof. Dr. Cristiano Pereira da Silva	UEMS
Profa. Ma. Dayse Rodrigues dos Santos	IFPA
Prof. Msc. David Chacon Alvarez	UNICENTRO
Prof. Dr. Denis Silva Nogueira	IFMT
Profa. Dra. Denise Silva Nogueira	UFMG
Profa. Dra. Dennyura Oliveira Galvão	URCA
Prof. Dr. Elias Rocha Gonçalves	ISEPAM-FAETEC
Prof. Me. Ernane Rosa Martins	IFG
Prof. Dr. Fábio Steiner	UEMS
Prof. Dr. Fabiano dos Santos Souza	UFF
Prof. Dr. Gabriel Andres Tafur Gomez	(Colômbia)
Prof. Dr. Hebert Hernán Soto Gonzáles	UNAM (Peru)
Prof. Dr. Hudson do Vale de Oliveira	IFRR
Prof. Msc. Javier Revilla Armesto	UCG (México)
Prof. Msc. João Camilo Sevilla	Mun. Rio de Janeiro
Prof. Dr. José Luis Soto Gonzales	UNMSM (Peru)
Prof. Dr. Julio Cezar Uzinski	UFMT
Prof. Msc. Lucas R. Oliveira	Mun. de Chap. do Sul
Profa. Dra. Keyla Christina Almeida Portela	IFPR
Prof. Dr. Leandris Argentele-Martínez	Tec-NM (México)
Profa. Msc. Lidiene Jaqueline de Souza Costa Marchesan	Consultório em Santa Maria
Prof. Dr. Marco Aurélio Kistemann	UFJF
Prof. Msc. Marcos Pisarski Júnior	UEG
Prof. Dr. Marcos Pereira dos Santos	FAQ
Prof. Dr. Mario Rodrigo Esparza Mantilla	UNAM (Peru)
Profa. Msc. Mary Jose Almeida Pereira	SEDUC/PA
Profa. Msc. Núbia Flávia Oliveira Mendes	IFB
Profa. Msc. Nila Luciana Vilhena Madureira	IFPA
Profa. Dra. Patrícia Maurer	UNIPAMPA
Profa. Msc. Queila Pahim da Silva	IFB
Prof. Dr. Rafael Chapman Auty	UO (Cuba)
Prof. Dr. Rafael Felipe Ratke	UFMS
Prof. Dr. Raphael Reis da Silva	UFPI
Prof. Dr. Renato Jaqueto Goes	UFG
Prof. Dr. Ricardo Alves de Araújo	UEMA
Profa. Dra. Sylvana Karla da Silva de Lemos Santos	IFB
Prof. Dr. Wéverson Lima Fonseca	UFPI
Prof. Msc. Wesclen Vilar Nogueira	FURG
Profa. Dra. Yilan Fung Boix	UO (Cuba)
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme	UFT

Conselho Técnico Científico

- Esp. Joacir Mário Zuffo Júnior
- Esp. Maurício Amormino Júnior
- Esp. Tayronne de Almeida Rodrigues
- Lda. Rosalina Eufrausino Lustosa Zuffo

Ficha Catalográfica

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (eDOC BRASIL, Belo Horizonte/MG)	
E24	Educação [livro eletrônico] : dilemas contemporâneos: volume IX / Organizador Lucas Rodrigues Oliveira. – Nova Xavantina, MT: Pantanal, 2021. 60p. Formato: PDF Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader Modo de acesso: World Wide Web ISBN 978-65-88319-99-4 DOI https://doi.org/10.46420/9786588319994 1. Educação. 2. Aprendizagem. 3. Gestão escolar. I. Oliveira, Lucas Rodrigues. CDD 370.1
Elaborado por Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422	



Nossos e-books são de acesso público e gratuito e seu download e compartilhamento são permitidos, mas solicitamos que sejam dados os devidos créditos à Pantanal Editora e também aos organizadores e autores. Entretanto, não é permitida a utilização dos e-books para fins comerciais, exceto com autorização expressa dos autores com a concordância da Pantanal Editora.

Pantanal Editora

Rua Abaete, 83, Sala B, Centro. CEP: 78690-000.
Nova Xavantina – Mato Grosso – Brasil.
Telefone (66) 99682-4165 (Whatsapp).
<https://www.editorapantanal.com.br>
contato@editorapantanal.com.br

APRESENTAÇÃO

Com o nono volume da obra “Educação: dilemas contemporâneos”, queremos continuar refletindo sobre as questões que são caras à educação de nosso país e, assim, esperamos contribuir com estudantes e profissionais da área da educação, a fim de que os debates propostos aqui sirvam para a construção das discussões e referenciais sobre a educação.

O capítulo intitulado *Gestão educacional na incorporação das tecnologias da informação (tics) nas práticas pedagógicas* objetiva refletir sobre a função do educador gestor durante a incorporação das TICs nas práticas pedagógicas.

Já o capítulo *Língua Estrangeira: ensinando as crianças* tem o objetivo de mostrar e discutir algumas pesquisas realizadas sobre o ensino de língua inglesa para as crianças.

O texto *Arqueologia pública e sociedade: contribuições da educação patrimonial em duas escolas do entorno de um sítio arqueológico no Sul de Santa Catarina* apresentará a experiência da educação patrimonial realizado no resgate do sítio arqueológico SC-ARA-001 Zulemar Maria de Souza, de Balneário Rincão.

Em seguida, será apresentado o texto *Considerações sobre a contação de histórias e a passagem para o letramento na educação infantil*. Essa reflexão é muito relevante, pois mostra como a contação de história, uma atividade totalmente lúdica, pode contribuir com o desenvolvimento das crianças no ambiente escolar.

Por fim, o capítulo *Atuação multidisciplinar no Centro de Atendimento Educacional Especializado* irá tratar de um tema muito caro à educação nacional: inclusão. Sem dúvidas, os desafios relacionados à inclusão ainda precisam ser superados – apesar de tudo, é preciso reconhecer que já houve avanços nesse sentido.

Lucas Rodrigues Oliveira


SUMÁRIO

Apresentação	4
Capítulo I	6
Gestão Educacional na incorporação das tecnologias da informação (TICs) nas práticas pedagógicas	6
Capítulo II	14
Língua Estrangeira: ensinando as crianças	14
Capítulo III	26
Considerações sobre a contação de histórias e a passagem para o letramento na educação infantil	26
Capítulo IV	35
Arqueologia pública e sociedade: contribuições da educação patrimonial em duas escolas do entorno de um sítio arqueológico no Sul de Santa Catarina	35
Capítulo V	44
Atuação multidisciplinar no Centro de Atendimento Educacional Especializado	44
Índice Remissivo	59
Sobre o organizador.....	60

Considerações sobre a contação de histórias e a passagem para o letramento na educação infantil

Recebido em: 08/09/2021

Aceito em: 09/09/2021

 10.46420/ 9786588319994cap3

Joyce Cruz Dias¹

Ozeni Souza de Oliveira^{2*}

Jocilene Campos de Carvalho³

Evelyn Cardoso Ferreira⁴

INTRODUÇÃO

A Lei de Diretrizes e Bases da Educação LDB (nº 9394/96) diz em seu artigo 29: “A Educação Infantil, primeira etapa da educação básica tem como finalidade o desenvolvimento integral da criança até seis anos de idade, em seus aspectos físicos, psicológico, intelectual e social, complementando a ação da família e da comunidade”.

A partir de então, todos os educadores se preocupam em proporcionar a esta criança que está nos anos iniciais de sua vida, um pouco sobre a imaginação e inteligência, assim se aprimora e incentiva-se o ensino. É difícil imaginar uma criança ou os pais dela distantes dessa expressão e “vontade”.

Quando a criança inicia seu aprendizado informal, ela passa por períodos importantes, a saída da casa dos pais e uma nova jornada. A Educação Infantil passou a integrar a Educação Básica, juntamente com o Ensino Fundamental, agora I e II, e também o Ensino Médio no Brasil. Não se determinou aqui, embora haja estudos, tempo cronológico para se contar histórias (apenas foram estudados) e mesmo porque, pela própria experiência humana, muitas pessoas idosas ou que ainda estão entrando tardiamente no letramento, gostam destas atividades.

Pretende-se objetivar aqui apenas reflexões sobre a contação de histórias nesta fase em que o divertimento e as brincadeiras são considerados imprescindíveis para uma passagem (o letramento) à escrita propriamente dita. Foram aqui, incluídos uma fundamentação teórica e dicas a respeito do assunto. A metodologia utilizada foi a pesquisa bibliográfica conforme Lakatos & Marconi (2010).

BREVE RETROSPECTIVA HISTÓRICA DA LITERATURA INFANTIL NO BRASIL

¹ Secretaria Municipal de Educação.

² Universidade Católica Dom Bosco.

³ Secretaria Municipal de Educação.

⁴ Universidade Federal de Mato Grosso.

* Autora correspondente: ozenisouzaoliveira@gmail.com

Inicialmente um breve aspecto sobre o termo “literatura” antes da breve história, ou seja, este termo literatura começa a ser empregado a partir do final do séc. XVIII e o sentido vem até os dias atuais, onde Costa (2007) acrescenta com mais sentido para a Pedagogia, que ela é marcada pela beleza da linguagem. Na escola, ela pode exercer diferentes funções como informar, educar, entreter, persuadir ou expressar uma opinião ou ideia.

A palavra vem do latim *littera*, que significa letra, um sinal gráfico que representa, por escrito, os sons da linguagem. Assim, a literatura está estreitamente ligada à noção de língua escrita. Logo, desde sua origem, o termo favorece um conceito que considera mais importante a escrita que a oralidade. No entanto, não podemos perder de vista que a origem da literatura, quanto à narrativa, está nos relatos orais, enquanto a lírica está ligada à música. Até pode ser complicado, mas literatura é muito mais do que um conceito (Haupt, 2015).

Então, nosso Brasil, que é considerado de cultura oral e a literatura parece ter e ser a literatura ainda, ou seja, uma transcrição do que se fala, vem a partir do século XIX (Aguiar, 2001), onde se começa a abrir espaço para o livro e sua função: o livro deve levar a uma leitura/interpretação da vida que ajude o indivíduo na transformação de si mesmo e do mundo.

No Brasil, só no século XX apareceria aquele que é considerado o maior escritor para crianças que o país já teve, o grandioso artista Monteiro Lobato. Ele rompe com as ideias estereotipadas de reis, rainhas, animais e príncipes de origem europeia e cria uma narrativa com a qual as crianças se identificam, não só com as personagens, como também com as situações familiares e afetivas. No universo do faz de conta de Lobato, o maravilhoso passa normalmente a integrar o real, isto é, o inventado passa a ter valor de realidade ficcional. Assim, as personagens reais na ficção, como tia Anastácia, Pedrinho, Narizinho e dona Benta são tão reais quanto a boneca Emília e o Visconde de Sabugosa. O espaço não é a floresta, nem um castelo, mas um sítio... O sítio da vovó. Antes de Monteiro Lobato, só existiam contos folclóricos. É com ele que nasce a Literatura Infantil no país. Assim, os textos literários para crianças misturam o maravilhoso, o lúdico, o sem sentido, animais que falam, bonecas que têm vida.

Então, desde o século XX até hoje há uma representação da sociedade brasileira através da literatura, condições históricas e sociais. E várias reações aconteceram, mas só acontece um aumento dos leitores com a função da escola em incentivar a leitura na Lei 5692/71 (BRASIL, 1971) que reformou (e depois foi reeditada) o ensino fundamental e médio e dá valor ao uso da literatura infantil.

Assim, como havia traços culturais pouco explorados, a escola começa a dar voz a essa necessidade que surgia. Contudo, o que aconteceu mesmo foram que os povos ficaram sem acesso aos livros no seu cotidiano, eis que para as massas, principalmente para os pobres, os problemas se resolvem sem ler ou escrever, assim afirmando a abertura de portas para o abstrato (os sonhos de crianças), onde habilidades básicas de leitura e escrita são importantes, valorizando conteúdos e não apenas dando valor a um leitor funcional, que segue ordens sem se posicionar diante do que lê ou escreve.

Depois da ditadura militar nos anos 70 é que se procurou então fazer um caminho da oralidade à leitura, que foi um processo perdido na constituição da nação brasileira (Aguilar, 2001).

Na visão de Chaer e Guimarães (2012), é necessário revisar os critérios, pois quando a sociedade é capaz de contribuir com a oralidade/escrita que possui características próprias e diversificadas. Com isso, colabora com o entrecruzamento de saberes, os quais se valorizam à medida que entram em contato com o seu oposto.

A partir de então se inicia pensar mais em termos de Literatura Infantil e o seu significado.

LITERATURA NA EDUCAÇÃO INFANTIL E ANOS INICIAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL

Como já foi estudado por Chicovski (2010) que citam a literatura infantil sendo vista como um “assunto menor” e até hoje esse comportamento ainda existe e persiste, sabendo-se que à época, os conteúdos tinham frases altamente moralizantes e o que se percebe é que a cultura era para que este tipo de literatura servisse à escola e não à criança. Mas felizmente a literatura contemporânea diz que ela deve ser doce e deleitar os leitores, cumprindo um destino estético (Paulino, 1997).

Os documentos de educação citam:

“(…) Ler não é decifrar palavras. A leitura é um processo em que o leitor realiza um trabalho ativo de construção do significado do texto, apoiando-se em diferentes estratégias, como seu conhecimento sobre o assunto, sobre o autor e de tudo o que sabe sobre a linguagem escrita e o gênero em questão” (BRASIL - RCNEI, 1998).

Até o Séc. XX a sala de aula atendia uma classe dominante e o professor era o dono do saber e o aluno, o único responsável pelo fracasso. E neste caso, o que se pensa hoje e o que se sabe é que a educação vê o educando como sujeito da própria educação, sendo um ser em formação e transformação. A partir também de 1971 com a Lei de Diretrizes e Bases da Educação – LDB9 (BRASIL, 1996), a Literatura Infantil é abordada como campo literário a ser incentivado na educação. Assim também os Parâmetros Curriculares Nacionais (BRASIL, 1997), enfatiza:

A leitura é um processo no qual o leitor realiza um trabalho ativo de construção de significado do texto, a partir de seus objetivos, do seu conhecimento sobre o assunto, sobre o autor, de tudo que sabe sobre a língua: característica do gênero, do portador, do sistema de escrita, etc.

O processo de ler é uma atividade em que é preciso a compreensão anterior à própria leitura e até a rapidez envolve estratégias que um professor deve estar atento quando trata com crianças pequenas. É preciso haver a exploração do saber literário e que até a simples contação de histórias tenha significado para ele.

As mesmas autoras demonstram que:

As imagens criadas pelo ilustrador precisam fazer sentido para a criança. Como o autor, precisa estar ao lado da criança. As primeiras histórias ouvidas ou lidas marcam a vida delas, fazendo com que criem apreço por elas. Em sala de aula o professor precisa explorar esse potencial que

as ilustrações trazem, destacando sempre, além do autor do livro, o ilustrador que complementa o trabalho com sua criação.

Os professores devem observar também os tipos de textos escritos para crianças e também na estrutura organizacional da literatura infanto-juvenil: o mito, a lenda, a fábula, o apólogo, o conto (de fadas ou não), a novela, a crônica e as narrativas mistas que apresentam os elementos dos demais gêneros.

A FORMAÇÃO DO LEITOR E O PAPEL DO PROFESSOR NA CONTAÇÃO DE HISTÓRIAS PARA CRIANÇAS

A autora Aguiar (2001), diz que a leitura, embora seja uma ação corriqueira nas áreas urbanas, ela não é natural e também não é de mesmo modo em cada pessoa ou criança. Não lemos como comemos, respiramos ou fazemos outras coisas do ser humano.

Também tem graus e fatores diferentes como os interesses, os hábitos, as intenções e as técnicas de leitura. Nota-se que a história da literatura se aproxima da história do livro também, pois eles remontam há vinte mil anos antes da nossa era.

Não se pode deixar de citar o valor da família e dos professores neste processo, porque ela é um modelo a ser imitado e mesmo com problemas de falta de leitura para o país Brasil, eles depositam em seus filhos a esperança de eles serem diferentes deles. E isso é com a escrita. Só que o importante e o essencial é o comprometimento, leitura conjunta e diálogo sobre o que foi lido.

Ângela da Rocha Rolla (1995), estudou professores, começando pelo *não leitor*, aquele com história de distância dos livros, principalmente quando são crianças. É uma pessoa em que outros hábitos culturais também são distantes, como o cinema, teatro, música, esporte e outros. Já o *leitor apressado* é um indivíduo dinâmico e ocupado, só lê para se informar dos acontecimentos recentes. O *leitor superficial* escolhe os textos ao acaso e geralmente informativos de massa ou gêneros já consagrados como o romance romântico.

Então, há o *leitor compulsivo* que vai desde a história em quadrinhos ao último lançamento do mais comentado livro da época. Lê tudo a toda hora. Diferente é o *leitor técnico* que faz leituras para estudos. A leitura literária está ausente, porque a científica lhe toma todo o tempo. Considera sua leitura como cansativa e a faz por obrigação. Tem também o *leitor escolar* que é aquele com o objetivo de indicar obras literárias, lê rápido sem tirar proveito.

O *leitor profissional* não é ingênuo, pois lê para analisar estilos e busca o valor estético das obras e seu cotidiano é a leitura literária e a produção de textos. Frequenta livrarias e círculo de leitores e esta atividade é realizada com prazer. E, por último, a autora Rolla (1995) fala do professor *leitor dileitante*, um leitor que lê sem conhecimento prévio, por puro prazer. Prefere literatura de consumo. Os critérios para ler são ao acaso, sabor do momento e não possui bagagem teórica para avaliar o que leu.

O PROFESSOR E SEUS TRABALHOS PARA A CONTAGEM DE HISTÓRIAS EM SALA DE AULA

Para que uma boa escrita nasça, bem como uma boa desenvoltura na junção de vogais e consoantes, formando um bom leitor, é necessário que a criança passe por circunstâncias que lhe proporcione experiência para obter o aperfeiçoamento e maior contato com as palavras e sua formação.

É aí que surge a figura de uma pessoa adulta que direciona a criança a ambientes de significativa leitura, como exemplo as feiras literárias, bibliotecas públicas, livrarias, exposições e demais eventos cujo foco é o ler.

Com isso, há de se ter uma criança em plena expansão de suas habilidades com a escrita e a leitura. E para manter o florescer desse aprendiz é que se dá a tamanha importância da escola e também do professor que atua diretamente dentro da sala de aula.

Existe, ainda, diversas maneiras de aproximar as crianças de ambientes favoráveis a leitura, sendo eles as etiquetas em cabides, caixas (com tarjeta descrevendo o que contém no interior das mesmas), pastas, bem como potes, gavetas e demais coisas que favoreça o ato de escrever, tais maneiras podem ser usadas pelos professores em sala de aula e pátio da escola, ou até em casa pelos pais.

Outra estratégia que se ajusta bem em casa como na escola, são os jogos educativos feitos de materiais recicláveis, de modo que as crianças passariam a colecionar e classificar tais materiais, assim, elas disporiam de por exemplo, garrafas cheias d'água, com descrição no rótulo de que seja água, porém, em recipientes ou suportes diferentes do comum, podendo ser redondos, triangulares e retangulares, variando, ainda, até mesmo as cores como vermelho e verde, cores que não está dentro do modelo padrão para as crianças.

O uso de quebra cabeças, diz Wermeie e Dietrich (2014), também é importante e, assim, montar letras separadas para formar as palavras e, acrescenta-se que isso pode ser feito enquanto se contam as histórias, montando-se os nomes dos principais atores das mesmas histórias ora citadas, por exemplo.

As maneiras mencionadas acima, são ideais para crianças cuja faixa etária vai de 2 a 5 ou 6 anos de idade, entretanto, existe, ainda, contos de fadas para crianças de 5 anos que, no trecho estudado por Foucambert (2008) resume da seguinte maneira:

A criança conquista um domínio de funcionamento da escrita, de sua sintaxe, de suas regras. As intervenções de ensino ajudarão a aprendizagem dos alunos: diante do texto encontrar-lhe uma significação, origem, ilustração. As crianças, após a exploração individual, irão junto ao professor, falar dele – de que trata, o que se passa e o professor ampliará o conhecimento sobre o texto. Depois cada aluno poderá falar o que compreendeu e fazer uma leitura em voz alta.

Costa (2007), complementa, ainda, no tocante a faixa de infância para a pré-adolescência, ou seja, a idade dos contos de fadas e diz como ela acontece:

Idade da leitura de realismo mágico. A criança está mais suscetível à fantasia. Gosta de histórias que representam um ambiente que lhe é familiar, mesmo que mágico. Interessa-se por contos com cenas domésticas, crianças em ambientes reconhecíveis, sejam naturais, sejam domésticos, o que possibilita a identificação. Atração por histórias de um mundo distante, de fantasia, como

os que constituem os contos de fadas e os contos de tradição, mitos e lendas. Continua a encontrar prazer no ritmo e nos sons dos versos.

Deste modo, vemos que o professor pode efetuar várias dessas estratégias para desenvolver os projetos em classe, cabendo a ele, ainda, o dever de registrar esses projetos desenvolvidos, seja em sala, em excursão, aula de campo, passeios e demais atividades de cognição, mostrando a relevância desse tipo de trabalho para as crianças, uma vez que esse momento inicial é primordial, pois marca o futuro embrenhamento no vasto “mundo mágico” da leitura e, também, da escrita.

A PASSAGEM PARA O LETRAMENTO

O termo letramento é recente, começou a ser utilizado por professores da Educação e da Linguística (anos 80) e trata-se de tempo em situações também diversas, mas, em relação à Educação Infantil “ocorre com a alfabetização” e também é muito utilizado mais recentemente nas Ciências Sociais e com pessoas adultas que anteriormente não sabiam escrever. Assim também o mesmo é utilizado em diferentes espaços, portanto sua definição, ou seja, nem sempre o significado é o mesmo (Mortatti, 2004).

Esta é uma atividade muito importante em termos de ouvir e ler, junto com o prazer logicamente. E para as crianças, uma boa história diverte e estimula a sua aprendizagem. Nesta ação, nossa participação de professor é fundamental e procuramos então conduzir e traçar metas aos objetivos que estaremos em contar histórias e estimulá-las a aprender mais.

Então, é preciso investir em ações que façam, com que elas ganhem gosto pela leitura e que tenham gosto também pela literatura tanto nacional e universal. As leituras recreativas, depois a orientada e depois ainda a de informação e estudo. É na Educação Básica que se desenvolve os hábitos de ouvir, falar, ler e escrever, então com autonomia e gosto elas adquirem os conhecimentos.

Para a Literatura infantil e esta passagem para a escrita também com a contação de histórias perpassa o divertimento daquele pequeno ser que deixa aos poucos o imaginário e começa a perceber o real. Com a motivação para a leitura deve adotar estratégias motivadoras e usam-se também outros recursos junto a esta atividade como a TV, um vídeo complementando o que se contou, uma música ambiente e até o celular para uma pequena pesquisa ou ver imagens, por exemplo.

A partir destes pontos é preciso envolver seu conhecimento em elementos que você professor, vai usar para perceber se seu aluno já tem esse mesmo conhecimento, a seu modo, quando reconta as histórias, por exemplo.

Piovesan et al. (2018), mencionam que na função de conciliador de leitura, o processo dessa arte começa com a informação sobre os títulos e seus autores, de modo que a escolha dos livros é imprescindível a adequação ao ambiente em que o indivíduo está inserido, pois a prática de ler se adquire com dedicação e tempo. É, para tanto, que, muitas vezes, hoje se conta com a Internet dando acesso às mais variadas obras completas. Vale ressaltar que é importante, nesse ponto, que os pais tenham a tarefa de trabalhar para que possuam um equipamento eletrônico dentro de casa, que facilite o acesso às obras

online (Vilaça; Araújo, 2018). Uma vez que o trabalho de inserção da criança a leitura é feito em conjunto, para que assim o procedimento seja proveitoso e instigante ao aluno.

Costa (2007), menciona, ainda, que o livro contém grande responsabilidade no que se refere a formação da consciência da criança e também jovens, todavia, como já foi referido, é importante que a família participe do compartilhamento do professor e escola.

Estudando e atentando para o fato de muitos autores atentarem para as faixas cronológicas, encontra-se na literatura o seguinte:

O livro da criança que ainda não lê é a história contada. E ela é (ou pode ser) ampliadora de referenciais, postura colocada, inquietude provocada, emoções deflagradas, suspense a ser resolvido, torcida desenfreada, saudades sentidas, lembranças ressuscitadas [...] as mil maravilhas mais que uma boa história provoca [...] (desde que seja boa) (Abramovich, 1997).

A característica mais importante sobre a contação de história é que ela não é uma atividade cuja leitura se dá em voz alta e sendo tão relevante quanto a primeira é que o ambiente proposto pelo professor ou educado, seja contagiante para todos, inclusive para ele próprio.

Kaercher (2010), diz que sempre vale a pena ter em mente que toda vez que se for contar uma história, pode-se e deve-se usar de técnicas e/ou recursos que tornem o momento de ouvir a história algo mágico para as crianças. Aponta, ainda, algumas pistas que podem ser usadas e que a literatura para o aprendizado do professor ajuda em muito:

Teatro de Fantoches: a história é narrada através dos fantoches que podem ser personagens das histórias ou não. É importante apresentar fantoches feitos por pessoas que conheçam a técnica para que os mesmos apresentem bom acabamento e qualidade no manuseio.

O aspecto mais importante é a ludicidade agindo, a atenta escuta de todos, além de manter os interesses e curiosidades das crianças aguçados. É interessante que se promova a formação de leitores qualificados, comprometidos e, sem dúvida, inesquecíveis.

Todo esse saber demonstrado acima serve para que o professor conduza a criança a um critério e objetivos: a) aprofundar o gosto pessoal e estimular o gosto da criança pela leitura; b) ter contato com os diversos gêneros literários, tanto da literatura nacional como demais; c) apropriar-se dos modelos dos diversos tipos de leitura, incluindo a recreativa que é aquela mais presente, no universo da faixa etária aqui estudada. Assim, mais tarde uma leitura orientada e depois, a leitura para informação e estudo; d) desenvolver a competência da criança para a leitura; promover a interação entre o adulto e a criança, a partir da diversidade de gêneros literários. Enfim, nesta fase se cria uma relação afetiva com a Literatura Infantil.

CONCLUSÃO

Consideramos por fim, que o mais importante a dizer para este tipo de ação pedagógica é que a aprendizagem da leitura não começa aos cinco anos e nem termina aos oito, ou seja, essas faixas são aproximadas e não marcadas como verdades absolutas.

Pelos estudos, vimos que o desenvolvimento infantil é um processo criado pela própria criança a partir das próprias interações que vivencia, sendo assim, a contação de histórias na educação infantil é uma atividade interativa e pedagógica, mediada pelo professor que contribui para todo o desenvolvimento das mesmas.

As histórias contadas e/ou encenadas sempre permitem o contato das crianças com o uso real da escrita, leva-as a conhecerem novas palavras e a discutirem valores como família, trabalho, relacionamentos importantes e a usarem a principalmente “imaginação”. Isto as levam a desenvolver a oralidade, a criatividade e o pensamento crítico. Elas melhoram seus relacionamentos afetivos e abrem espaço para novas aprendizagens nas diversas disciplinas escolares.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Abramovich F (1997). *Literatura Infantil: Gostosuras e Bobices*. SP: Scipione
- Aguiar VT (2001). *Era uma vez... na escola: formando educadores para formar leitores*. Belo Horizonte: Formato Ed.
- BRASIL (1971). Lei Nº 5.692, de 11 de agosto de 1971. *Diário Oficial da República Federativa do Brasil*. Brasília-DF: 12.08.1971.
- BRASIL (1996). LDB (Lei de Diretrizes e Bases) Nº. 9394 de 1996.
- BRASIL (1997). Ministério da Educação e do Desporto. Secretaria de Educação Fundamental. *Parâmetros Curriculares Nacionais: Língua Portuguesa*.
- BRASIL (1998). *Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil (RCNEI)*. Vol.3 Brasília: MEC/SEF.
- Chaer RM (2012). A importância da oralidade: educação infantil e séries iniciais do Ensino Fundamental. *Pergaminho*, (3): 71-88.
- Chicoski R (2010). *Literatura Infantil*. Guarapuava: Unicentro. 108p.
- Haupt C (2015). *Língua(gem), textualidade e literatura infantil: concepções e práticas* – Palmas, TO: Universidade Federal do Tocantins / EDUFT. 232p.
- Kaercher GEPS (2010). *Brincando com os livros na escolarização inicial*. In: Dalla Zen MIH, Xavier MLM (Org.). *Alfabetizar: fundamentos e práticas*. Porto Alegre: Mediação.
- Lakatos EM, Marconi MA (2007). *Metodologia do trabalho científico*. 7ª ed. São Paulo: Atlas.
- Mortatti MRL (2004). *Educação e Letramento*. SP: UNESP. 136p.
- Paulino G (1997). *O jogo do livro infantil: textos selecionados para formação de professores*. Belo Horizonte: Dimensão. 148p.
- Piovesan J et al. (2018). *Psicologia do Desenvolvimento e da Aprendizagem*. – 1. ed. – Santa Maria, RS: UFSM, NTE. 1 e-book. 161p.

- Rolla ÂRR (1995). Professor: perfil de leitor. Tese (Doutorado em Letras – PUC-RS – Instituto de Letras e Artes), Porto Alegre.
- Vilaça MLC; Araújo EVF (2016). Tecnologia, sociedade e educação na era digital (livro eletrônico). Duque de Caxias, RJ: Unigranrio. Ebook. 300p.
- Wermeier CA et al. (2014). Reflexões da primeira experiência com anos iniciais. Revista Acadêmica Licencia & acturas, 2(2): 170-174.

ÍNDICE REMISSIVO

A

aluno com deficiência, 44, 45, 46, 47, 48, 49, 52,
53, 54, 55, 56
aprendizagem, 15, 16, 18, 19, 22, 23, 24
arqueologia, 35, 36, 38, 41, 42, 43
arqueologia pública, 35, 36, 38
atuação multidisciplinar, 51, 54

C

centro de atendimento educacional
especializado, 44, 45, 46, 49, 50, 51, 54, 55,
56
crianças, 14, 25

E

educação especial, 44, 45, 46, 47, 49, 50, 52, 53,
54, 55, 57
educador, 6, 7, 8, 10, 11

ensino, 14, 15, 16, 17, 18, 19, 21, 22, 23, 24, 25

G

gestão educacional, 8

I

inclusão educacional, 56
informação, 15, 18, 20, 22

L

Língua Estrangeira, 14

P

patrimônio cultural, 36, 37, 41, 42, 43

S

salvamento arqueológico, 35
sítio arqueológico, 35, 38, 41, 42

SOBRE O ORGANIZADOR

 **LUCAS RODRIGUES OLIVEIRA**



Mestre em Educação pela UEMS, Especialista em Literatura Brasileira. Graduado em Letras - Habilitação Português/Inglês pela UEMS. Atuou nos projetos de pesquisa: Imagens indígenas pelo “outro” na música brasileira, Ficção e História em Avante, soldados: para trás, e ENEM, Livro Didático e Legislação Educacional: A Questão da Literatura. Diretor das Escolas Municipais do Campo (2017-2018). Coordenador pedagógico do Projeto Música e Arte (2019). Atualmente é professor de Língua Portuguesa no município de Chapadão do Sul.

Contato: lucasrodrigues_oliveira@hotmail.com.



ISBN 978-658831999-4



9 786588 319994

Pantanal Editora

Rua Abaete, 83, Sala B, Centro. CEP: 78690-000
Nova Xavantina – Mato Grosso – Brasil
Telefone (66) 99682-4165 (Whatsapp)
<https://www.editorapantanal.com.br>
contato@editorapantanal.com.br

